

## A imaginação do passado: uma contribuição de Alexandre Eulalio à crítica literária brasileira

*Silvia Quintanilha Macedo\**

**RESUMO:** O maior interesse deste trabalho é analisar a trajetória intelectual de Alexandre Eulalio, no sentido de compreender sua poética crítica, que incorpora o exercício do jornalismo cultural somado à influência do meio acadêmico. O estudo do texto “Imaginação do passado”, escrito na maturidade do autor, ilustra como se orienta a inquietação do crítico principalmente quando defende o ponto de vista histórico na apreciação da literatura, sem abandonar a perspectiva estética.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alexandre Eulalio, trajetória intelectual, poética crítica, teoria literária, jornalismo cultural.

**ABSTRACT:** This research intends to analyse Alexandre Eulalio’s intellectual trajectory so as to comprehend his critical poetics, which encompasses cultural journalism and academic environment influence. The study of the text “Imaginação do passado”, a text which was written when the author was more mature, illustrates the path of the critic’s restlessness, especially when he defends the historical point of view in literary appreciation without abandoning the aesthetic perspective.

**KEYWORDS:** Alexandre Eulalio, intellectual trajectory, critical poetics, literary theory, cultural journalism.

### Um crítico muito original

Alexandre Eulalio (1932-1988) inicia sua obra de crítico e estudioso da cultura como jornalista e, um pouco mais tarde, como editor da *Revista do Livro*, publicada a partir de 1956 pelo Instituto Nacional do Livro. No meio da década de 50, abandona o curso universitário e começa a atuar em jornais do Rio, São Paulo e Minas. Redator-

---

\* Centro Universitário FIEO (Unifio).

chefe da *Revista do Livro*, elaborou uma agenda rica de publicações inéditas, além de contribuir com a redação de artigos e ensaios.

À atividade editorial seguem muitas outras ao longo dos anos: tradutor, prefaciador, resenhista de vários livros, conferencista, leitor brasileiro na Itália, professor convidado de universidades estrangeiras, funcionário da burocracia estatal ligada à cultura e, finalmente, professor no departamento de teoria literária da Universidade de Campinas.

A obra deixada por Alexandre Eulalio merece, sem dúvida, um estudo que detalhe sua importância, avalie sua profundidade e alcance no campo da história da ensaística brasileira. Produção recente no conjunto das realizações de nossa crítica, traz uma contribuição que sintetiza a vivência do jornalismo, sem perder de vista o universo da experiência acadêmica e o da erudição.

Na tese de doutoramento *Alexandre Eulalio, retrato de um intelectual singular*,<sup>1</sup> estudo a ensaística crítica do autor e a trajetória do intelectual participante da vida cultural do país. Uma das proposições desse doutorado consiste em demonstrar que a especificidade da produção eulaliana resulta do processo de renovação da imprensa cultural que ocorre durante as décadas de 1950 e 1960. A influência do meio acadêmico e dos experimentos vanguardistas dos anos 50 atuará de modo decisivo na imprensa do período, contribuindo para a formação do crítico.

A incursão de Alexandre por revistas e jornais resulta em uma maneira própria de conceber o texto crítico, que assume a forma ensaística ou ainda a de resenha, artigo, prefácio. Vista em conjunto, sugere, à primeira vista, uma produção feita de fragmentos, “em pedaços”, como o próprio Alexandre chamou a obra de Brito Broca.

Publicados postumamente, *Escritos*,<sup>2</sup> *Livro involuntário*<sup>3</sup> e a revista *Alexandre Eulalio diletante*<sup>4</sup> levam a crer no caráter dispersivo dessa obra destinada, em seu princípio, à imprensa, especializada ou não. Mesmo o livro que publi-

---

<sup>1</sup> Tese apresentada em 2004, com orientação do professor doutor Antonio Dimas, na área de Literatura Brasileira, da FFLCH – USP.

<sup>2</sup> EULALIO, Alexandre. *Escritos*. (Orgs.: Berta Waldman, Luiz Dantas). Campinas: Unicamp; São Paulo: Unesp, 1922.

<sup>3</sup> EULALIO, Alexandre. *Livro involuntário: literatura, história, matéria e memória*. (Orgs.: Carlos Augusto Calil, Maria Eugenia Boaventura). Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

<sup>4</sup> CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugenia (Orgs.). Alexandre Eulalio diletante. *Remate de Males*, Revista do Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, Campinas, 1993.

ca, *A aventura brasileira de Blaise Cendrars*, guarda a composição de caráter fragmentário, do escritor que associa a prática da escrita à da colagem, do recorte e da montagem. Mas é bastante particular a natureza dispersiva dos escritos de Eulalio.

A fortuna crítica que aborda a produção eulaliana dá a medida do papel exercido pela imprensa na formação do crítico, bem como seu contato com o pensamento universitário, principalmente aquele fundado na História.

Essas duas linhas diretivas afirmam-se em “A imaginação do passado”, pequeno texto no qual Alexandre Eulalio discute a medida de valor para o trabalho desempenhado pela imprensa e pela universidade. Ambas vinculam-se à história da moderna crítica literária brasileira, vista segundo a mudança de rota dos estudos literários que substituem a imprensa pelo mundo acadêmico.

Talvez não seja exagero conceber a crítica de Alexandre Eulalio como um exercício de equilíbrio entre uma prática que se despede e outra que se consolida dentro do universo intelectual brasileiro. Portanto, é oportuno verificar como a apreensão dos novos instrumentos de análise oferecidos pela teoria literária sofre, no interior do pensamento eulaliano, uma pressão de ordem mais pessoal, francamente possível para quem ainda não se desligou totalmente do jornalismo cultural.

Explicam melhor esse duplo movimento o conceito de história e o de história literária; ambos se articulam com a matéria estudada pelo crítico, escolha que muitas vezes ocorre a partir de um sentimento de ordem afetiva e pessoal.

É o caso, por exemplo, dos laços familiares que prendem Alexandre Eulalio a Diamantina, resultando no interesse sempre renovado do autor pela obra de um dos mais ilustres diamantinenses, o historiador Joaquim Felício dos Santos; a causa do Império merece, igualmente, tratamento diferenciado: muitos monarquistas históricos, como Eduardo Prado, Afonso Celso e mesmo o príncipe-herdeiro

ro, Dom Luís, figuram como protagonistas de estudos eulalianos.

Embora dialogue com a pesquisa universitária representada pela divulgação do *new criticism* e pela publicação de *Formação da literatura brasileira*, o ensaísta atribui à história e à crítica literárias um tratamento que não dispensa a antiga prática jornalística à maneira de Brito Broca, um dos mais caros interlocutores do autor.

A presença de Alexandre Eulalio na *Revista do Livro*, durante quase dez anos, contribui para a realização de um projeto literário-cultural que marca definitivamente sua produção crítica futura. A linha editorial da *Revista do Livro* corresponde às expectativas do jovem erudito, que encontra espaço nas seções destinadas à publicação de documentos inéditos ou dispersos em jornais e arquivos. O trabalho do editor consiste na busca, na seleção desses registros e na adoção de uma linha interpretativa que conduza essas escolhas.

Para acompanhar os documentos publicados, Alexandre Eulalio redige os textos de apresentação, artigos cujas características particulares e aspectos comuns dão uma fisionomia própria ao conjunto. O recorte extraído da *Revista do Livro* serve para ilustrar o primeiro grande passo na carreira intelectual de Eulalio. Ela se inicia com o compromisso de recuperar documentos e publicá-los, uma contribuição considerável no campo da história literária brasileira. Entende-se, portanto, a orientação basicamente historiográfica exigida na compreensão de um material ainda pouco explorado pela crítica jornalística daquele momento, interessada em resenhar os lançamentos mais recentes.

Daí a importância pioneira de Brito Broca, que vasculhou os arquivos em busca de matéria que ainda não encontrara seu pesquisador. O ingresso de Brito Broca na *Revista do Livro* confirma a sintonia entre o jovem editor e o velho jornalista.

Esses textos de juventude também conduzem ao encontro entre crítica e história literária. Isso significa abor-

dar o direcionamento adotado pelo escritor nos documentos escolhidos para a publicação. Explorar o valor desses escritos significa rastrear as informações que compõem o quadro das ideias, do gosto estético, das relações sociais e familiares de uma determinada época.

Para realizar essa tarefa, Alexandre Eulalio segue o caminho teórico aberto pelo livro *Formação da literatura brasileira*, publicado justamente naquela ocasião por Antonio Candido. A *Revista do Livro* empreende um trabalho de recuperação da memória cultural brasileira, de acordo com uma tradição construída sobretudo pelo conjunto de obras, autores e gêneros secundários, matéria essencial da pesquisa eulaliana e aspecto importante da teoria de Antonio Candido.

A produção do crítico ganha ainda espaço nos cadernos culturais da grande imprensa, onde ocupa a função de jornalista e escritor de matérias bastante diversificadas. Entretanto, tais artigos guardam sempre a marca particular do autor interessado na história literária e cultural do Brasil.

Estudos que o escritor dedica a Machado de Assis, particularmente ao romance *Esau e Jacó*, refletem as obrigações do jornalismo literário, mas também a abordagem minuciosa e detalhista de um crítico que sempre valorizou um cânone muito particular. Neste convive o interesse pelo maior escritor brasileiro e também um imenso empenho dedicado aos artistas de província.

Interpretar a poética crítica de Alexandre Eulalio significa acompanhar certas escolhas temáticas de seu agrado, como aquela que privilegia o memorialismo, a vanguarda, as obras da província; certos procedimentos metodológicos concebidos a partir da história literária e cultural, da interpenetração entre as artes, da editoração. Na trajetória desse autor singular, o trabalho do crítico comporta a invenção de um mundo particular, fragmentos recolhidos de tantas fontes, tantas leituras, reunidas pelo desejo de descobrir o lugar de cada parte na construção da obra, da cultura, da própria vida.

A efervescência da década de 1950, marcada pela qualidade dos cadernos culturais, é reconhecida pelo próprio crítico na introdução que escreveria anos mais tarde para o texto de juventude “Roteiro de Jorge de Lima” (Eulalio, 1993, p. 123). Aliada à lembrança pessoal, a referência às condições oferecidas pelos cadernos literários da época amplia o valor do relato. Nele se afirma o prestígio do *Diário Carioca*, que, ao lado do *Correio da Manhã*, era o mais conceituado do Rio de Janeiro. À frente da coordenação do *Diário*, figuram Pompeu de Souza e Prudente de Moraes, neto, este último responsável pela acolhida ao “plumitivo” (Eulalio, 1993, p. 123).

Alexandre Eulalio parece pensar em si mesmo ao considerar o período, marcado pela movimentada produção dos cadernos culturais. Incluem-se aí: *O Jornal*, o *Diário de Notícias*, o *Jornal do Comércio*, *A Noite*, o *Jornal do Brasil* – “suplementos sem os quais, aliás, será impossível fazer a sério a história intelectual do período” (Eulalio, 1993, p. 123).

Iniciando muito jovem na imprensa, em 1952, Alexandre Eulalio começa a publicar alguns artigos na universidade e também em jornais de grande circulação, entre os quais ganham destaque o *Correio da Manhã* e *O Globo*, segundo o levantamento proposto por Carlos Augusto Calil e Maria Eugênia Boaventura na revista *Remate de Males*, em número especialmente dedicado ao estudioso diamantino.<sup>5</sup>

A projeção ocorre de fato com o ingresso do escritor na *Revista do Livro* em 1956, fundada nesse mesmo ano, que também viu nascer os suplementos literários de *O Estado de São Paulo* e do *Jornal do Brasil* (Cf. Martins, 1977-1978, p. 365-366). A crítica literária brasileira, “seguindo o ciclo do jornalismo, desde o século XIX, a caixa de ressonância da literatura do país”, foi, segundo Benedito Nunes, “regularmente veiculada pelos jornais das duas metrópoles, Rio e São Paulo (*Correio da Manhã*, *Diário de Notícias*, *A Manhã*, *O Estado de São Paulo*, *Jornal do Brasil*) – antes que seus autores as enfeixassem em livros” (Nunes, 2000, p. 61).

---

<sup>5</sup> Nascido no Rio de Janeiro, em 18 de junho de 1932, filho de Elisário Pimenta da Cunha (1890-1961) e de Maria Natália Eulalio de Sousa da Cunha (1891-1974), Alexandre Magitot Pimenta da Cunha resolveu por conta própria trocar sua cidade de origem por Diamantina. Substitui o nome Magitot, homenagem do pai dentista ao patrono de sua profissão, pelo sobrenome Eulalio, “uma lembrança do clã materno e mais condizente com o seu obsessivo culto à ancestralidade mineira” (Calil; Boaventura, 1993, p. 323).

## A imaginação do passado

Quem melhor analisou o poder de influência da História no ensaísmo crítico de Alexandre Eulalio foi José Guilherme Merquior. Na conferência que proferiu sobre o ensaísmo eulaliano, “O demônio do perfeccionismo”,<sup>6</sup> conferiu-lhe uma posição exemplar dentro da crítica literária brasileira, por causa do compromisso do escritor mineiro com uma tradição crítica que Merquior denomina explicativa, voltada para os aspectos contextuais da obra.

Apoiado no conceito de crítica explicativa e interpretativa, Merquior explicita a participação de Brito Broca e Augusto Meyer como os mentores, no plano nacional, da formação do crítico diamantino, ajustada ao modelo de crítica que sintetiza explicação de ordem histórica e interpretação de caráter formal.

Augusto Meyer comparece relacionado ao aprendizado de sensibilidade da forma e da leitura imanente do texto, inspirada na estilística. A valorização pioneira da obra de Brito Broca ilustra o interesse de Alexandre Eulalio pelo enfoque na vida literária como meio de enriquecer a crítica interpretativa, voltada para os condicionamentos sociais. A ênfase no contexto, no entanto, supera, de acordo com Merquior, o modelo inspirado em Brito Broca, porque integra o senso da forma e a atenção mais apurada para o estético.

O conferencista não descarta a outra parte, interpretativa, de caráter formalista, na produção do homenageado, cuja dinâmica sintetiza aquelas duas dimensões propostas da crítica (explicativa e interpretativa), de modo a não incorrer no erro de “explicar” a obra do ponto de vista externo, justapondo explicação e interpretação.

Alexandre tratou de negar a legitimidade dessa separação entre forma e processo social, e o fez soberanamente. Essa foi uma de suas contribuições à crítica brasileira, talvez por mobilizar armas de erudição incomuns, com um co-

---

<sup>6</sup> MERQUIOR, José Guilherme. O demônio do perfeccionismo. *Remate de Males*, Alexandre Eulalio diletante, Campinas, p. 291-296, 1993.

nhecimento de literatura e época ímpar no contexto nacional (Merquior, 1993, p. 292).

Já em meados da década de 1940, a cena intelectual brasileira delineia um quadro de confronto entre as duas instâncias, representadas, de um lado, pelo bacharel letrado que faz do jornal veículo de sua reflexão e, de outro, pela figura do especialista, crítico universitário cuja produção aparece vinculada ao livro e à atividade de professor. Flora Süssekind ilustra essa tensão, lembrando a campanha que Afrânio Coutinho move, na época, contra os rodapés, e seu conflito com Álvaro Lins, o maior representante dessa modalidade crítica (Süssekind, 1993, p. 13).

A definição de Flora Süssekind, segundo a qual o perfil do crítico moderno brasileiro se originou a partir da tensão entre o crítico-jornalista e o crítico-*scholar*, cabe perfeitamente para compreender a posição de Alexandre Eulalio, sem perder de vista que essa especificidade deriva de uma conjuntura precisa, relacionada a “um período de estreitamento de laços entre a crítica universitária e os suplementos, entre literatura de invenção e grande imprensa” (Süssekind, 1993, p. 28).

A fermentação do ambiente cultural produzida nas redações de jornais e revistas pode ser certamente avaliada pela variedade de posições e representatividade de seus autores, já a partir década de 1930, marco da crítica moderna no Brasil. Como reconhece Flora Süssekind, se o solo comum da crítica jornalística abriga nas colunas exclusivas ou pés de páginas nomes importantes da inteligência brasileira, as posturas, entretanto, a respeito do conceito de crítica e de seu exercício nem sempre são convergentes.

Sem dúvida, o time que frequenta os rodapés e suplementos literários é de primeira linha: Mário de Andrade, Tristão de Ataíde, Sérgio Milliet, Lúcia Miguel Pereira, Augusto Meyer, Otto Maria Carpeaux, Antonio Candido, Sérgio Buarque de Holanda, Álvaro Lins e outros. O conflito central de posições que Flora Süssekind aponta refle-

te a polêmica entre a geração dos “homens de letras” e a dos pesquisadores universitários, nos decênios de 1940 e 1950. Mas o arco de diferenças abriga um debate intenso de posicionamentos diversificados.

Na prática diária, em jornais e revistas, Alexandre Eulalio percebe o alcance das transformações culturais e mesmo admite, no ensaio “A imaginação do passado”, que a imprensa não precisa ceder o espaço da reflexão sobre a literatura e a arte para a universidade.

Em “A imaginação do passado” (Eulalio, 1993, p. 9-16),<sup>7</sup> texto escrito na maturidade e um dos poucos de caráter teórico na bibliografia do autor, aparece esboçada uma síntese especial entre jornalismo literário e especialização universitária. Trata-se de um pacto de convivência, a fim de melhor aparelhar a crítica para comparecer “com agilidade e competência no enfrentamento de problemas até agora inéditos do seu ofício” (Eulalio, 1993, p. 10).

Torna-se evidente, portanto, a falsidade da oposição maniqueísta que uma apologia *pro domo* promoveu ao contrastar emblematicamente o espaço degradado, frustrado e árido do jornal com um idealizado espaço de laboratório universitário, *habitat* ideal da nova crítica. Oposição que não se mantém de pé e é inteiramente alheia à realidade factual, embora também seja verdade que a imprensa diária jamais poderia ser, como jamais pretendeu, nem poderia, a estufa propícia onde as catléias raras do mais complexo ensaísmo crítico iriam florescer. Não fiquem esquecidas, portanto, as mediações constantes entre as duas áreas, inclusive o vivíssimo intercâmbio de estímulos que ainda hoje tem lugar entre uma e outra (Eulalio, 1993, p. 10-11).

Desse “espaço frustrado e árido” fazem parte diferentes segmentos da intelectualidade, assim representados: “o articulismo avulso de autodidatas e curiosos”, “o ‘rodapé’ crítico subscrito por alguma autoridade do ramo”, e ainda “movimentos de experimentação estética”. Se continuarmos a leitura do texto, veremos confirmar os respectivos perfis incluídos no processo de formação da crítica

---

<sup>7</sup> O título “(à guisa do prefácio) A imaginação do passado” é uma atribuição à livre montagem que os organizadores do *Livro involuntário* realizaram no texto da comunicação “A crítica literária contemporânea”. Editora/ Bienal Nestlé, 1986. p. 119-127.

jornalística e as diferentes possibilidades de trocas que essa convivência estabelece.

Nessa linha, Alexandre Eulalio cita os “formandos de Letras da Universidade Anos 40”, uma intervenção que se manifesta na imprensa por meio das especializações de cada um,

novidades que começarão a ser absorvidas também pela comunidade não iniciada na alquimia acadêmica [...] colaboradores mais alertas e inquietos, que na imprensa levam avante empiricamente reflexões e estudos sobre o temário da cultura nacional (Eulalio, 1993, p. 10).

Embora o escritor ressalte, sempre genericamente, a importância do conjunto sem referir a si mesmo, é evidente a correspondência entre ele e “os colaboradores mais alertas e inquietos”, e com os articulistas autodidatas.

“Foro animado e apaixonado de debates intelectuais”, assim Alexandre Eulalio define a crítica exercida na imprensa, que passa a contar com a especificidade do conhecimento universitário e, com isso, torna-se mais apta para enfrentar as mudanças exigidas pela nova conjuntura intelectual. A atuação das vanguardas, “que também reabre espaço experimental na imprensa do tempo”, completa esse quadro de manifestações decisivas, que tornam as revistas e jornais um espaço privilegiado de discussão cultural.

Com Alexandre Eulalio à frente, a *Revista do Livro* garantiu, em suas páginas, a presença dos artistas ligados ao Concretismo e a exegese das manifestações literárias contemporâneas, podendo então definir-se como “publicação destinada aos estudos de história literária, erudição e pesquisa bibliográfica”, sem entretanto descuidar “dos problemas que agitam a nossa literatura no momento”. A explicação encontra-se no volume 10 e serve de introdução à polêmica instalada por ocasião do lançamento do Concretismo.

Se a imprensa é o lugar da crítica, a História figura como meio de sua realização. É o que Alexandre Eulalio sustenta em “A imaginação do passado”, a partir do qual discute a solução de privilegiar a História, sem abrir mão da forma literária:

Será neste ponto que a análise concreta do texto individual e a generalização organizativa da história literária podem se integrar e se completar – a forma da História integrando a História-das-Formas. Trata-se do momento de reintegração do texto no contexto (Eulalio, 1993, p. 11).

É o próprio ensaio, “Imaginação do passado”, que melhor explica essa convergência entre História e forma literária. A solução encontrada para se chegar à “história das ideias, da cultura e história intelectual de uma coletividade” deriva do poder de abrangência conferido pelo conhecimento histórico: “Abertura de horizonte, ela é fruto de um súbito iluminar de perspectivas graças ao concurso de novas informações de origem diversas” (Eulalio, 1993, p. 11). De acordo com Alexandre Eulalio, tal abertura falta à crítica contemporânea em vista do estado de “compartimentação sufocante” em que se encontra. Como solução, o ensaísta mineiro sugere o caminho proposto pela “indispensável confluência de saberes complementares”.

Eulalio parece estabelecer uma relação de dependência entre a noção de “pensamento ensaístico englobante” e “minuciosa reflexão estética”, assim como antes tratara a questão em termos semelhantes: “análise concreta do texto individual”, “levantamento crítico do caso particular” – termos sempre associados à ideia de “generalização organizativa da história”, “espaço abrangente da história”. A proposição finalmente se confirma: “análise formal e interpretação histórica muito concretas se defrontem numa instância dialógica cheia de intensidade e que assim anule provisoriamente os feixes de interseção de diacronia e sincronia” (Eulalio, 1993, p. 13).

A proposição que leva em conta um movimento integrado entre sincronia e diacronia pede “rigoroso aparato

filológico”, “técnicas de explicação do texto através da leitura colada, da *close reading*, dando toda ênfase à consciência do fato literário, enquanto específico fenômeno comunicativo” (Eulalio, 1993, p. 14). A partir desse procedimento se estabelecem as “condições de tempo, lugar, mentalidade, alusões específicas”. Portanto, não se trata aqui de privilegiar “generalizações pseudo-englobantes” (Eulalio, 1993, p. 14).

Estamos no centro do problema. Isto porque é importante para Alexandre Eulalio formular o conceito de crítica literária como totalidade que reivindica a tradição cultural, para em seguida associá-la às conquistas do presente:

Daí a crítica literária se constituir idealmente o sítio em que contemporaneidade e sucessão dos tempos se integrem, e onde se tenha lugar, com rigorosa verossimilhança, a imaginação do passado, segundo os indícios que amorosa arqueologia do saber vai permitir efetuar (Eulalio, 1993, p. 14).

A questão da síntese de saberes complementares e diversificados, vista de modo tão insistente por meio da generalidade e abrangência do pensamento histórico, integra forma e História: “integração do conhecimento que é, ao mesmo tempo, resenha das formas e história social dos meios de criação” (Eulalio, 1993, p. 15). Importa assinalar a consciência de uma forma historicizada, integradora, que o crítico manifesta sobretudo quando se refere à “busca intrínseca da poeticidade do texto, vale dizer, da complexidade compositiva que tem lugar na peça observada” (Eulalio, 1993, p. 15). Logo em seguida, a ideia de “problematização poética” confirma como Alexandre Eulalio de fato concebe uma noção unificadora da forma artística: “a sua [a obra analisada] problematização poética, ou seja, [a avaliação] dos seus níveis cultural, existencial e intelectual. Questões implícitas na linguagem dessas obras” (Eulalio, 1993, p. 15).

Para chegar a essa síntese, o crítico aconselha o afastamento da especialização e faz a defesa da interdisciplinaridade, do poder abrangente do conhecimento e do diálogo entre as disciplinas e também entre as artes.

O enriquecimento da crítica literária tem que se dar assim, em nosso meio, pela interpenetração não apenas com a Sociologia [...] mas principalmente com a História e a Antropologia, muito em especial com esta última, com a Psicanálise e com o urgente conhecimento da teoria e da prática das outras artes. Não se trata da proposição de um novo Ecletismo mas *da instrumentalização de saberes complementadores que contribuem de modo decisivo para a operação hermenêutica* (Eulalio, 1993, p. 15) (Grifo nosso).

Nos anos em que Alexandre Eulalio surge como o jovem redator da *Revista do Livro*, duas questões movimentam o debate em torno do conceito de crítica. A primeira delas expressa a insatisfação dos *scholars* diante do exercício crítico calcado no impressionismo, no biografismo, falhando no cumprimento de exigências do pensamento científico.

A segunda questão reflete o triunfo dos *scholars*, mas novamente outro dilema aparece, dessa vez configurado no confronto entre as posições de Afrânio Coutinho e Antonio Candido. Embora ambos se voltem para a historiografia literária e para as relações entre literatura e história social, no “caso de Afrânio, porém, trata-se de pensar tais relações com a supressão parcial de um dos termos (a ‘história’) e a afirmação de uma autonomia plena do literário” (Süssekind, 1993, p. 22). Antonio Candido, ao contrário, importa-se com as relações entre literatura e sociedade e ainda com “a adoção de uma crítica que trabalhe dialeticamente tais relações” (Süssekind, 1993, p. 23-24).

Não há dúvida de que a trajetória intelectual de Alexandre Eulalio seja influenciada pelo interesse que os estudos histórico-literários despertam em torno dos anos 1940 e 50. João Alexandre Barbosa considera Antonio Candido

e Afrânio Coutinho os dois críticos que “mais procuraram pensar, por essa época, de modo teórico e sistemático, o problema das relações entre literatura e história, no quadro da literatura brasileira” (Barbosa, 1996, p. 34).

Como o texto “A imaginação do passado” deixa claro, não existe uma prevalência do estético na relação entre história e literatura, proposição defendida por Afrânio Coutinho, que segue a orientação do *new criticism* ao enfatizar a noção da obra literária como estrutura estética. A proposta de Eulalio parece afinada com aquela concebida por Antonio Candido, de acordo com a qual o texto é o resultado da integração de elementos expressivos e elementos não literários.

Na *Formação da literatura brasileira* (1959), que é “um livro de crítica, mas escrito de um ponto de vista histórico”, Antonio Candido defende e demonstra pela prática analítica, com a clareza de sempre, a legitimidade do ponto de vista histórico no estudo da literatura, sem que isto signifique o abandono da perspectiva estética (Arrigucci, 1999, p. 244).

A referência “saturado de experiência histórica”, aplicada a Alexandre Eulalio, é usada por Merquior um pouco antes de ele estabelecer a distinção entre historista e historicista. Cabe ao primeiro, ao contrário do segundo, não revelar “qualquer preocupação com o marco do processo histórico e com grandes etapas da evolução histórica”. Historista, Alexandre Eulalio demonstra uma disposição profunda para mergulhar num contexto específico, produzindo uma crítica eminentemente detalhista, que dispensa uma tese central e incorpora uma massa de conhecimentos históricos extremamente específicos. Disto resulta a importância das notas, como meio de conduzir um emaranhado de vias interpretativas e hipóteses explicativas (Merquior, 1993, p. 294-295).

O vasto repertório que garante a Alexandre Eulalio uma maneira particular de conduzir a reflexão crítica não

prioriza uma visão da obra reduzida a documento da realidade social ou enfocada apenas em seus elementos de fatura. Como bem observou Vinícius Dantas,

Na mania detalhista do perito, havia uma porção de devaneio e, principalmente, paixão pela matéria tal como ela é produzida e plasmada pela imaginação de um fazer técnico. Havia igualmente o desejo de encontrar algo concreto que justificasse a realidade menos palpável, mas realidade ao quadrado, da criação literária. Alexandre queria assim ensinar a ler a tessitura dessas relações múltiplas e históricas com lupa e paciência (Dantas, 1993, p. 333).

## Referências

ARRIGUCCI JR., Davi. Conversa entre fantasmas. Alexandre, leitor de Borges. In: \_\_\_\_\_. *Outros achados e perdidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BARBOSA, João Alexandre. Pequenas variações sobre o ensaio. O método crítico de Antonio Candido. In: \_\_\_\_\_. *Entrelivros*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

\_\_\_\_\_. A biblioteca imaginária ou o cânone na história literária brasileira. In: \_\_\_\_\_. *A biblioteca imaginária*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1996.

\_\_\_\_\_. A paixão crítica. Forma e história na crítica brasileira de 1870-1950. Nas trilhas de Augusto Meyer. Antonio Candido: os signos da claridade. In: \_\_\_\_\_. *A leitura do intervalo*. São Paulo: Iluminuras / Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

CALIL, Carlos Augusto. Obra futura. *Remate de Males*, Alexandre Eulalio Diletante, Revista de Teoria Literária da Unicamp, Campinas, 1993.

\_\_\_\_\_. Livro involuntário. Biografia discreta. In: \_\_\_\_\_. BOAVENTURA, M. E. (Orgs.). *Livro involuntário*. Literatura, história, matéria & modernidade. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

\_\_\_\_\_. BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs.). *Remate de Males*, Alexandre Eulalio Diletante, Revista do Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, Campinas, 1993.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudo de teoria e história literária*. 5. ed. São Paulo: Nacional, 1976.

DANTAS, Vinicius. Retratinho de Alexandre. *Remate de Males*, Alexandre Eulalio Diletante, Revista do Departamento de Teoria Literária da Unicamp, Campinas, 1993.

EULALIO, Alexandre. *A aventura brasileira de Blaise Cendrars*. 2. ed. revista e ampliada por Carlos Augusto Calil. São Paulo: Universidade de São Paulo / Fapesp, 2001.

\_\_\_\_\_. *Escritos*. Organização de Berta Waldman e Luiz Dantas. Campinas: Unicamp; São Paulo: Unesp, 1992.

\_\_\_\_\_. *Livro involuntário: literatura, história, matéria e memória*. Organização de Carlos Augusto Calil e Maria Eugênia Boaventura. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

MERQUIOR, José Guilherme. O demônio do perfeccionismo. *Remate de Males*, Alexandre Eulalio Diletante, Revista do Departamento de Teoria Literária da Unicamp, Campinas, 1993.

NUNES, Benedito. Historiografia literária do Brasil. In: \_\_\_\_\_. *Crivo de papel*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

\_\_\_\_\_. Crítica literária no Brasil, ontem e hoje. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). *Rumos da crítica*. São Paulo: Senac; São Paulo: Itaú Cultural, 2000.